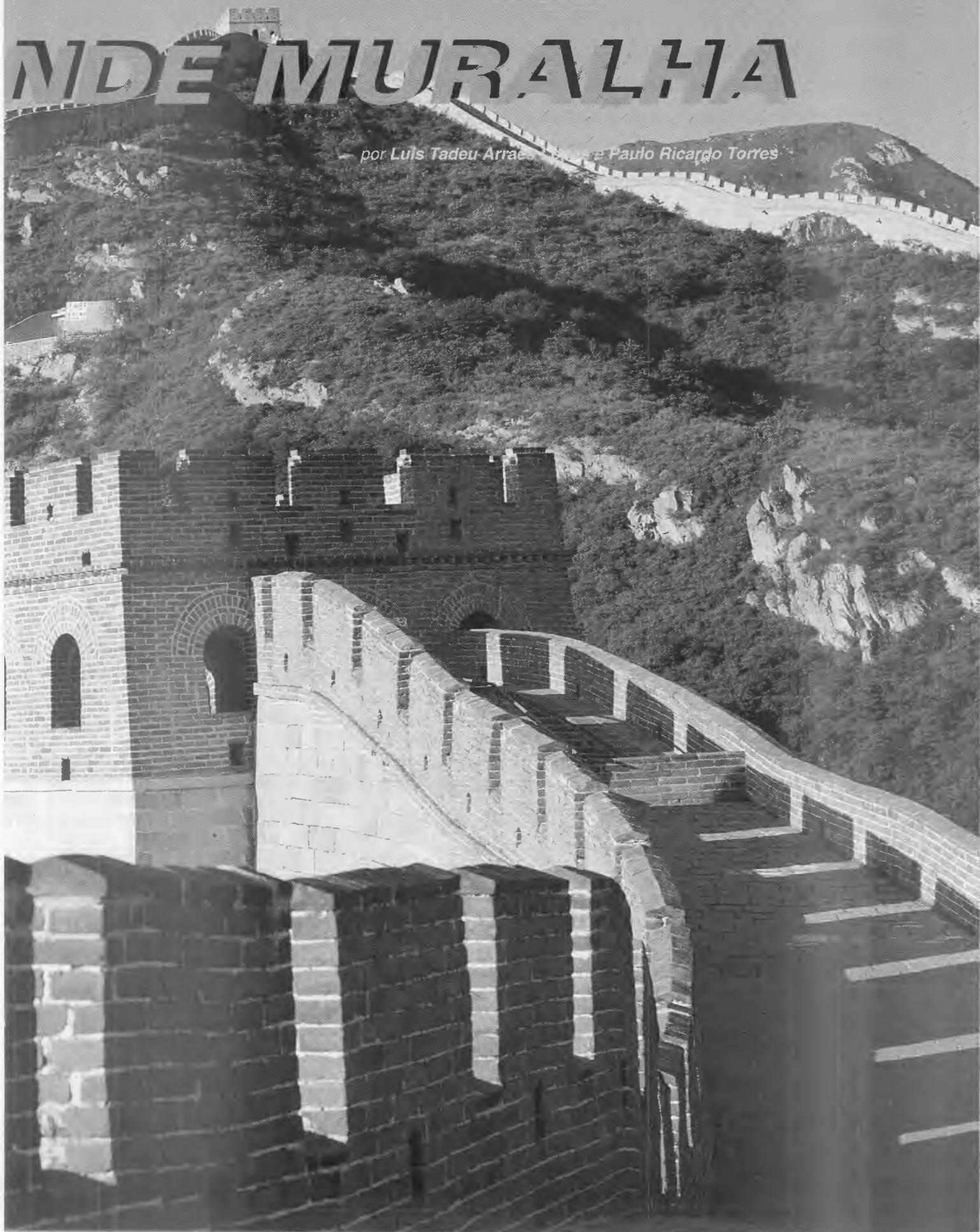


NIDE MURALHA

por Luis Tadeu Arraes e Paulo Ricardo Torres



O sentimento de retomada reacende mais uma vez o orgulho da nação americana. Não é por menos. Após ser atropelado pelo vigor da economia japonesa, o Ocidente reage com reestruturações e suspira aliviado ao retomar antigos padrões de competitividade. Mas, assim como na vida humana, o destino das nações é mais surpreendente do que se pensa. E se existe um colosso por nascer na Ásia, que realmente irá mudar o poder geopolítico mundial, este é um outro país: a China.

Durante uma década e meia, o Ocidente viu o Japão como a principal fonte de competição asiática e não mediu esforços para melhorar a produtividade e estabelecer novos padrões de administração e negócios. No momento em que os Estados Unidos, após oito anos de ausência, volta à supremacia do *ranking* econômico segundo o Relatório do Banco Mundial, uma nova potência desponta na Ásia: a China.

A China hoje representa o que os Estados Unidos e a Alemanha representaram para o mundo, e principalmente para a Europa, na virada do século XIX, no âmbito de crescimento econômico e militar — um país onde as contas são feitas em bilhões e os padrões de crescimento se situam na casa dos dois dígitos. A despreocupação com que os outros países a vêem em relação à competitividade — a idéia de uma nação fraca e desaparelhada — é um julgamento no mínimo superficial e meramente baseado nos acontecimentos dos últimos anos.

Irá a China realmente mudar o poder geopolítico mundial?

A inserção da China na engrenagem econômica mundial não é tão simples quanto possa parecer. Seus impactos excedem raciocínios simplistas dos homens de negócios. Os britânicos, há cem anos, já mostravam que estavam

errados ao calcularem o quanto aumentariam sua capacidade de produção têxtil se cada chinês aumentasse em uma polegada a manga de sua camisa. Hoje, os chineses têm mangas de camisas maiores, porém suas próprias tecelagens suprem a demanda interna e, de quebra, ameaçam a indústria ocidental de tecidos.

Existem sinais de que a tripolaridade econômica EUA, Japão e Comunidade Européia direciona-se para inclusão de um quarto alicerce: a Grande China (República Popular, Hong Kong e Taiwan). Na revista *Foreign Affairs* de novembro/dezembro 1993, Nicholas D. Kristof afirma que *“se as previsões se cumprirem, a Grande China não será apenas um outro pólo econômi-*

co; será o maior de todos.”

A análise do padrão de crescimento chinês e do perfil de atuação deste país não pode prescindir de dois fatores. O primeiro, refere-se ao ceticismo e ao desdém com o qual o cidadão chinês — cuja renda *per capita* dificilmente ultrapassará US\$ 500 na virada do século — vê esta expectativa de crescimento. Para uma população que crescerá de 1 bilhão para 1,2 bilhão de habitantes no ano 2000, aumentos de renda podem ser considerados uma utopia. O segundo fator é a liderança marcante de Deng Xiaoping, diretamente relacionada ao *boom* econômico desencadeado em 1978, que vem gerando um crescimento médio de 9% ao ano.

IMPORTAÇÕES LÍQUIDAS (em US\$ bi)*

GRANDE CHINA	-	639
JAPÃO	-	521

* Projeções do Banco Mundial para o ano 2002
Foreign Affairs

PRODUTO INTERNO BRUTO - PIB (em US\$ tril)*

GRANDE CHINA	-	9,8
JAPÃO	-	9,7

* Projeções do Banco Mundial para o ano 2002
Foreign Affairs

O dilema das armas

Enquanto potências bélicas como EUA, Rússia e Inglaterra têm procurado diminuir seus orçamentos militares, a China tem se mostrado avessa a essa tendência. De acordo com a revista *Jane's*, o orçamento chinês cresceu, entre 1988 e 1993, quase 95%, ou seja, algo em torno de US\$ 7,5 bilhões. Em nível internacional, estima-se que esses números sejam bem maiores. Jonh M. Olin, diretor de Estudos Estratégicos da Harvard University, em seu artigo *Choque das civilizações?*, afirma que o desenvolvimento militar da China e suas reivindicações de soberania sobre o Mar do Sul estão provocando uma corrida armamentista unilateral no Leste Asiático.

Concentrada em manter relações pacíficas com seus vizinhos, a China não pretende mais ser vista como uma potência intermediária na região e, para isto, tem tratado de se posicionar em relação a suas fronteiras. Segundo a revista *The Economist*, o resto do mundo só terá com o que se preocupar daqui a 10 ou 15 anos, quando a economia civil alcançar ímpeto suficiente para realizar mais rapidamente as reformas militares. No entanto, espera-se para o próximo século uma guerra que envolva o Mar do Sul da China, que os chineses consideram seu, com países que reivindicam sua posse, como Vietnã, Malásia, Bruneri, Taiwan e Filipinas.

Impactos ambientais

E quem vai pagar a conta do crescimento chinês? Em estudos e reportagens sobre a China, fala-se muito pouco sobre os custos ambientais de um desenvolvimento econômico tão acelerado.

A maior fonte de energia utilizada no país advém do carvão doce, inimigo número 1 dos ambientalistas devido às chuvas ácidas que provoca. Embora se

saiba que regiões da Sibéria e da Coreia tenham suas florestas atingidas por estas chuvas oriundas da China, é muito difícil estabelecer sua real magnitude. Estima-se, contudo, que em um intervalo de 10 a 15 anos, a China será o principal causador de chuvas ácidas.

Quanto a problemas com o efeito estufa, estima-se que, se a China mantiver os atuais níveis de crescimento, em 30 anos superará os EUA em emissão de dióxidos de carbono. Segundo Nicholas D. Kristof, a China é o terceiro emissor mundial de gases associados ao efeito estufa, mas não está entre os cinquenta primeiros colocados em termos de emissão *per capita*. Embora o cidadão norte-americano produza nove vezes mais gases associados ao efeito estufa do que o cidadão chinês, em termos totais, o volume da China é altíssimo, devido ao seu tamanho populacional. *"Funcionários do governo chinês deixam claro que não vão sacrificar o crescimento econômico pelo bem do meio ambiente — nem o seu, nem o dos outros"*.

Retrato de um crescimento

O crescimento chinês é singular se comparado com o de outros países e é impor-

tante notar quais são os principais aspectos do seu *boom* econômico e alguns dos seus dilemas.

Na China, o **setor agrícola** é, ao mesmo tempo, fator gerador de força e de fraqueza econômica. Alimentar um bilhão de chineses em uma área cultivável menor do que a dos EUA, implica aumentar significativamente a produtividade. No entanto, num país em que 70% da população está diretamente envolvida na cultura do arroz, qualquer tentativa de ganho de



produtividade, via mecanização, geraria grandes danos sociais.

Três problemas podem ser ressaltados quanto à **indústria** chinesa. O primeiro, é o baixo poder aquisitivo da população, que tem prejudicado muito a extensão dos avanços econômicos. O segundo é o déficit da balança comercial causado pela importação de produtos manufaturados. E o terceiro é o conflito ideológico, ainda pouco conhecido, proveniente da abertura recente da China, país comunista.

Difícilmente a China será uma outra Alemanha ou um outro Japão, em nível de **comércio exterior**. Seu mercado interno e proporções continentais (com incrível potencial, desde que haja uma política adequada de renda) e a existência de grande quantidade de matérias-primas evitarão sua dependência com o comércio exterior.

Outro ponto a ser ressaltado é que o país se nega a depender de uma única fonte no que se refere a aspectos de fornecimento, sejam eles de capital, manufaturas ou tecnologia. Sua política de inserção no GATT atende a interesses relativos a empréstimos e mercados através de órgãos internacionais, em vez de países ou bancos privados.

Há ainda o avanço das **empresas ocidentais** na região. A KFC, Kentucky Fried Chicken da Pespi Co., por exemplo, está obtendo licença para operar restaurantes próprios em Tianjin, uma das maiores cidades chinesas. A empresa hoje tem 27 restaurantes da rede espalhados pela China e fatura US\$ 25 milhões. A General Electric — Divisão Motores a Jato — objetiva abrir centros de serviços em 17 cidades chinesas. A Coca-Cola informou que construirá uma fábrica engarrafadora na cidade de Kunming, na província de Yunnan; hoje, ela já possui seis fábricas no país e a Volkswagen pretende ampliar sua capacidade de montagem.

A China é também conhecida como o **paraíso das piratas**. Qualquer que

seja a marca desejada — Reebok, Nike, Microsoft, Colgate, Palmolive, Kellogg's, dentre outras — haverá sempre a versão similar chinesa. Os prejuízos para as empresas americanas são estimados em US\$ 800 milhões. A China tem mantido esforços para definir uma legislação que resolva esses conflitos, estabelecendo leis severas contra falsificadores e tribunais especiais para causas que envolvam propriedade intelectual. Ainda assim, essa situação dificilmente será resolvida no curto prazo.

A considerável importância da China nos cálculos de Washington e Moscou e outras capitais importantes pode ser atribuída à maneira arguta e até mesmo atrevida com que tem usado seus recursos políticos, econômicos e militares, a despeito de ser descrita como um Estado ameaçado e perseguido. Seu **estilo de relacionamento**, indeterminado e imprevisível, compreende

desde a confrontação e o conflito armado até um alinhamento informal ou uma indiferença que se aproxima do desligamento, combinada com uma retórica estridente e irada. Tal estratégia, ao mesmo tempo em que gera riscos políticos e militares substanciais, também empresta considerável credibilidade à posição da China como grande potência em ascensão.

Por tudo isto, a China assumiu uma posição internacional singular, tanto como participante de conflitos políticos e militares importantes do pós-guerra, quanto como um Estado que resiste a uma fácil catequização política ou ideológica. Na verdade, num certo sentido, a China deve ser vista como uma candidata à grande potência por si mesma — não como uma imitação ou emulação da União Soviética ou dos Estados Unidos, mas como um reflexo da política singular de Pequim na política global. ♦

Luis Tadeu Arraes Lopes é ex-aluno de graduação, Mestre e Doutorando na EAESP/FGV.



Paulo Ricardo Torres é ex-aluno de graduação e Mestre pela EAESP/FGV.

